

FORMAÇÃO E MORTE EM "FONTAMARA", DE IGNAZIO SILONE

Anne Caroline de Morais Santos (UERJ)
annemorais17@hotmail.com

Em meio à crise social e política do entreguerras (1920-1940), surge o romance *Fontamara* (1933), do escritor italiano Ignazio Silone, publicado em exílio na Suíça. Silone foi afastado de sua pátria por lutar contra a ditadura fascista e, na reclusão, fez, de suas aflições, matéria literária. Berardo Viola, camponês pobre e sem terra, do Sul da Itália, vivia em meio aos abusos de um prefeito que resolveu desviar o único meio de sobrevivência de seus compatriotas: um pequeno rio que servia de sustentação para todos. Em meio a esse caos coletivo, o protagonista pensava apenas em seus anseios individuais: conquistar seu pedaço de terra e se casar com Elvira. O encontro com um antifascista iria mudar todo o rumo de sua história. É nesse processo de idas e vindas, de erros e acertos, de encontros e desencontros que o jovem camponês passa por um processo de maturação. Seu constante movimento na narrativa, o contato com diferentes tipos de discursos, do prefeito charlatão, do advogado corrupto, do antifascista revolucionário, do velho e tradicional Baldissera, vão transformando seu próprio discurso e, como consequência disso, Berardo, já formado, decide mudar seu destino e dar uma nova razão para sua existência. Diferente do protagonista ícone do Bildungsroman ou romance de formação, o burguês Wilhem Meister, em *Os anos de aprendizado de Wilhem Meister* (1795-1796), de Goethe, a formação do camponês italiano no entreguerras é marcada pela violência, pela tortura e pelo abandono. Esta comunicação visa, portanto, analisar a trajetória de Berardo Viola no romance, mostrando como os discursos que permeiam toda a narrativa (seu e de outras personagens) interferem no seu processo de desenvolvimento, estabelecendo-se, assim, um diálogo entre *Fontamara* e os caracteres bases do romance de formação alemão.